

# Progressistas querem partido contra o PRN

BRASÍLIA — A reunião de três governadores e sete membros da executiva nacional do PMDB, no apartamento do deputado Márcio Braga, na tarde de ontem, transformou-se num *happening* por culpa da imprensa. Convocada pelo grupo chamado Novo PMDB — que apoiou o vice na chapa de Ulysses Guimarães à Presidência da República, Waldir Pires —, a reunião tinha o objetivo de tirar uma posição com relação ao apoio do partido no segundo turno. Havia um clima de pressa, de que não havia “tempo a perder”, como ressaltava o deputado Francisco Pinto (BA).

O equipamento de transmissão ao vivo da TV Bandeirantes se estendia pela cozinha e pelo hall de entrada, enquanto os deputados chegavam pouco a pouco e se abancavam no sofá cor de gelo da sala. Como se obedecessem a um comando único, todos se levantavam a um só tempo assim que a televisão, colocada na copa, anunciava mais um boletim. A dianteira de Collor era comparada com os votos de Brizola, mas a pequena diferença entre o segundo e terceiro colocados na disputa era acompanhada com sussurros e manifestações de surpresa.

Às 16h, além de Chico Pinto e do dono da casa, o secretário de governo do Rio, Paulo Rattes, os deputados Jorge Gama (RJ), Haroldo Sabóia (MA), Bete Mendes (SP), Tarcísio Delgado (MG) e Nelson Wedekin (SC) esperavam a chegada de Waldir Pires, e dos governadores de Pernambuco, Miguel Arraes, e do Rio, Moreira Franco; entre xícaras de cafezinho e anotações dos resultados eleitorais. Não havia discussões.

Todos eram unânimes em expressar seu horror ao candidato do PRN. A atriz Bete Mendes comentava a “belíssima interpretação” de Collor no programa eleitoral, quando ele atacou o presidente José Sarney e dizia que não concordava com Pelé, que uma vez disse que o povo não sabe votar. “O povo sabe votar, sim, mas vota pela carência e pela urgência”. Foram 65 milhões à beira da fome e do desespero que votaram pelo que lhes é oferecido agora. De que adianta pensar cinco anos à frente se o problema deles é hoje? São estas pessoas que não têm dinheiro para comprar jornal, para se informar, e tudo o que recebem vem da televisão”, afirmava.

Gama opinava que “a eleição será difícil no segundo turno e é preciso começar logo os contatos com os que ficaram de fora”. Roberto Freire (PCB) e Mário Covas (PSDB) deveriam ser os primeiros a ser procurados para este entendimento. Rattes observava que “como o voto no Brasil não tem perfil ideológico, não seria fácil prever para quem iriam os votos dados a Covas, por exemplo, porque quem não queria Collor nem Lula havia votado em Covas no primeiro turno”.

Braga propôs que a executiva nacional se reunisse oficialmente para tirar posição, não na semana que vem, como quer Ulysses, mas já amanhã. “Precisamos começar a escrever o que queremos que o candidato diga no palanque”, declarava, acrescentando que o PMDB deveria oferecer “apoio eleitoral e independência em relação ao governo” do próximo presidente da República, que deveria ser “um candidato das frentes progressistas”, não importando se Lula ou Brizola.